

# Como quatro Ulysses falariam entre si

José Negreiros  
De Brasília

**E** verdade que a Constituinte vai mudar radicalmente a vida do país, mas essa mania de acumular cargos do Dr. Ulysses Guimarães pode acabar virando a própria Constituinte de pernas para o ar. Ulysses, que já é presidente da Câmara e do PMDB e vice-presidente da República, quer ser reeleito para os três postos e presidir também a Constituinte. Na ficção, Jô Soares e Chico Anísio têm a maior dificuldade para representar tantos tipos diferentes, pois isso implica em personalizar caracteres físicos, vozes, cacoetes e trejeitos. Na vida real, sem o recurso do vídeo-tape a cada erro ou confusão, não se sabe como o Dr. Ulysses vai se safar. Por exemplo: quando o presidente José Sarney viajar e ele assumir o cargo interinamen-

Desta vez falando rápido, olhos muito abertos de quem está assustado, o N° 3, é a própria imagem da ansiedade.

— Ulysses (exclamaria um dos Ulysses, o N° 4, presidente da Câmara), "o Legislativo está muito inquieto, mas ainda há tempo de domar as tensões, subjugar o medo, antecipar-se aos desdobramentos sobre os quais perde-se o controle". Este é um Ulysses dinâmico, bigode estilo Sarney, espírito lacerdista e saque de pessedista.

Sem se atrapalhar com a fala de cada um, e este tratando de Silveira, àquele chamado de Dr. Guimarães, reservando para outro o cerimonioso Presidente, Ulysses troca de chapéu a cada cena, entra e sai da coxia do poder, já agora entusiasmado com seu desempenho, val dos mestres do disfarce no cinema.

Toca o telefone.

— Eu gostaria de falar com o Presidente, por favor — diz do outro lado da linha uma voz pastosa, rouca como uma intervenção de Olavo Setúbal. O ajudante, perplexo, quer perguntar "qual deles", mas pondera se isso não soaria excessivamente irônico. Entra a secretária com a correspondência do Dr. Ulysses Guimarães, mas não sabe se deve entregá-la ao N° 1, que assumiu hoje, ou ao N° 3, o papel que ele mais gosta de desempenhar — de presidente da Constituinte —, ou ainda ao N° 4, presidente do PMDB, do qual ainda licenciado. Melhor entregar ao N° 2, pensa ela.

Ulysses — difícil saber qual deles —, contudo, descansa tranquilo, sentado à mesa de uma das suas quatro presidências. Depois daquela tensa reunião consigo próprio sobre os graves destinos do país, irá encontrar-se com as lideranças políticas para resolver as 137 pendências de uma das 27 subcomissões constitucionais que examina 1.523 emendas a nova carta. Seria um trabalho muito pesado para um homem só. Para quatro é canja.

— Nós imaginamos que a melhor maneira de resolver esse problema é eliminando as diferenças e buscando o consenso — pondera Ulysses de volta ao Congresso.

Fala como presidente da Constituinte, e assim incorpora

a voz da moderação. Então deveria estar usando gravata vermelha, senha acordada no próprio regimento da Constituinte para identificar o Ulysses presidente da Assembléia. Ou se trata do presidente do PMDB, e logo deveria estar usando o sapato marrom, conforme o combinado? Nesse caso, haveria problemas com os demais partidos. A menos que seja o presidente da Câmara quem está falando, aquele que trajaria sempre terno preto, para diferenciar dos demais, ou é o Vice-Presidente da República, que nessas circunstâncias portaria um discreto distintivo com as armas da república? Estamos diante de uma nova ameaça de crise, já que o PDT reclama da interferência do executivo na redação da Constituinte. Brizola, ainda não decorou os códigos dos diferentes Ulysses.

Ulysses sempre sabe qual Ulysses é, enquanto seus interlocutores confundem-se, tentam sondar de quem se trata, formulam frases que são verdadeiras armadilhas, enfim, embarçam-se, fascinados como se fica diante de um mágico. O presidente fica na sua, ora disfarçado de si próprio, ora fazendo às vezes do outro.

A única coisa que o aborrece de verdade é as pessoas errarem de Ulysses, trocarem o presidente do PMDB, por exemplo, pelo Vice Presidente da República. Só nessas horas ele não resiste a um cacoete da Velha República, que a toda hora ainda se ouve numa capital apinhada de autoridade:

— Você sabe com quem está falando? — pergunta ele com o autêntico propósito de esclarecer seu interlocutor.

te, uma dificuldade política qualquer poderá levá-lo a convocar uma reunião dos presidentes da Constituinte, da Câmara dos Deputados e do PMDB para discutir uma saída. Como todas essas pessoas são uma só, ou seja, Ulysses Guimarães, o presidente poderá surpreender-se falando com o espelho.

— Senhores, eu os convoquei aqui porque a nação atravessa uma crise institucional muito delicada — diria, por exemplo, o Ulysses N. 1, no papel de Presidente da República. De faixa e casaca, para distinguir-se dos demais Ulysses, acrescentaria um rascante sotaque nordestino, copiado do chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, além da mania de falar batendo repetidas vezes sobre a mesa.

Dito isso, após um gesto tipo pera aí para o ajudante-de-ordens, o Ulysses-Presidente entraria correndo no closet do Palácio do Planalto e repetiria, nervosamente, para o intrigado auxiliar: "um minutinho só, já vai". Pronto, de lá sairia um outro Ulysses, de andar apressado e ar muito grave, movimentos enérgicos e aquela meia-dúzia de rugas que marca os homens curvados sob sua enorme responsabilidade e a imensa expectativa dos demais. Estamos diante do Ulysses N. 2 ou do presidente da Constituinte, que reagiria:

— Fale logo, Sr. Presidente. De que se trata? O Sr. me parece muito preocupado.

— Em que o partido pode colaborar com a pátria numa hora tão grave como esta? — perguntaria, então, o Ulysses N° 3, passados dez minutos durante os quais somaria uma peruca jovial ao blazer alegre dos políticos modernos.